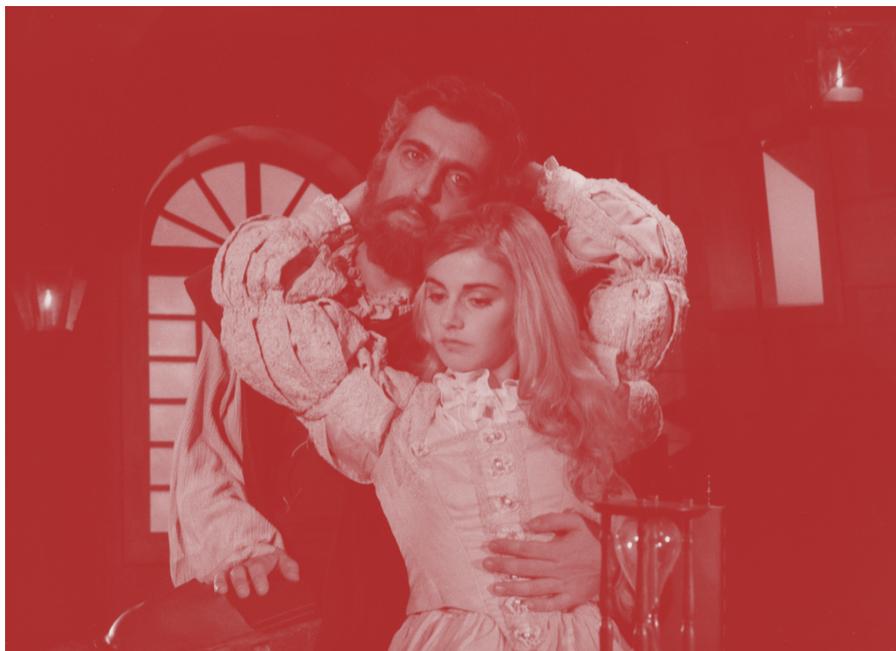


CICLO DE CINEMA

22 SET 15:00



**DOMINGOS NA CASA DO CINEMA
MANOEL DE OLIVEIRA
E O CINEMA PORTUGUÊS 2**

LE SOULIER DE SATIN | O SAPATO DE CETIM

SESSÃO 18

22 SET, 15:00

LE SOULIER DE SATIN | O SAPATO DE CETIM

Realização: Manoel de Oliveira

Produção: Paulo Branco

Argumento: Manoel de Oliveira, baseado na peça de teatro *Le Soulier de Satin* de Paul Claudel

Direção de fotografia: Elso Roque

Montagem: Jeanine Martin

Direção de arte: Zé Branco, António Casimiro, Eduardo Filipe, Luís Monteiro e José-Luís Oliveira

Guarda-roupa: Jasmim de Matos e Isabel Branco

Direção de som: Joaquim Pinto

Música: João Paes

Interpretação: Luis Miguel Cintra (D. Rodrigo), Patricia Barzyk (Dona Prouhèze), Anne Consigny (Marie des Sept-Épées), Anne Gautier (Dona Musique), Bernard Alane (Vice-rei de Nápoles), Jean-Pierre Bernard (D. Camilo), Marie-Christine Barrault (a Lua), Isabelle Weingarten (Anjo da Guarda), Maria Barroso (voz dos Anjos), Carlos Wallenstein (professor Hinnulus), Jacques Parsi (professor Bidince), João Bénard da Costa (Cortesão), Paulo Rocha (frei João da Conceição), Jorge Silva Melo (primeiro chanceler e padre Lourenço Vivas),

Produção: Les Films du Passage, Metro e Tal, com associação de Institut National de la Communication Audiovisuelle, Westdeutscher Rundfunk, e SSR.

Cópia: 16mm e 35mm, cor, a exhibir em formato DCP

Duração: 406 minutos

Estreia: 2 de setembro de 1985 (versão integral), Festival de Cinema de Veneza, Itália

País: Portugal / França



COM A APRESENTAÇÃO DE PATRÍCIA CASTELLO BRANCO

Patrícia Castello Branco é investigadora e coordenadora do CineLab (Laboratório de Cinema e Filosofia) do IFILNOVA, Universidade Nova de Lisboa. Foi Professora e Diretora do Curso de Mestrado em Cinema da Universidade da Beira Interior e é autora de inúmeros ensaios publicados em várias editoras nacionais e internacionais, bem como do livro *Imagem Corpo, Tecnologia. A Função Háptica das Novas Imagens Tecnológicas* (Fundação Calouste Gulbenkian). A sua investigação incide sobre as imagens em movimento, especialmente sobre o cinema experimental e de vanguarda, bem como sobre as práticas artísticas da arte contemporânea. Central para a sua pesquisa é um diálogo permanente entre a filosofia e a arte. É coeditora e fundadora da revista científica *Cinema: Revista de Filosofia e da Imagem em Movimento*.

MANOEL DE OLIVEIRA NA COVA DOS LEÕES

Descoberto pela Itália nos anos 70, lançado internacionalmente pela França nos princípios da nossa década [1980], a fama de Manoel de Oliveira cresce dia a dia. “O último dos grandes mestres do cinema”, disseram em tempos os jornais de Paris. “O mais jovem de todos, o futuro do cinema é ele”, diz agora o *Corriere della Sera* a propósito deste homem de 77 anos.

Da *Francisca*, T. Kezich, e grande crítico de Roma, escreveu no *La Repubblica*: “há o filme da semana, há o filme do mês, há o filme do ano – *Francisca* é o filme da década. Os anos 80 ficarão conhecidos como – os anos de *Francisca*.”

Habituaados a só celebrar os seus maiores depois de mortos, o esplendor impetuoso deste final de carreira deixa os portugueses desconfiados. Pessoa morreu desconhecido... Camões passou fome... Para “o Judeu” foi a fogueira, para tantos foi a tísica.

FAZER SOFRER O PÚBLICO

E não é só a glória que escandaliza. É a juventude insolente que o leva a reinventar o cinema aos 75 anos, é o vigor desportivo de filmar uma maratona de 7 horas em 6 meses, sem um dia sequer doente.

E há mais: Manoel é perverso. Para fazer sofrer o público os seus filmes são cada vez mais difíceis e mais longos. E em paga disso, dão-lhe cada vez mais dinheiro, (dinheiro nosso!), somas e-n-o-r-m-e-s. Não há dúvida. Há aqui uma conspiração universal... E agora por fim este Leão de Ouro, dado a uma sala às moscas! Ou é vigarice ou é bruxedo.

Antes que lhe ponham velinhas e flores aos pés da campa, como ameaçam fazer

os espíritas de Lisboa ao F. Pessoa dos Jerónimos, teremos ainda à nossa frente uns 15 ou 20 anos para lhe tentar fixar os traços verdadeiros, antes que a memória dos homens se desvaneça, e Oliveira e os seus filmes se não transformem em mais um mito tutelar do país, em meras imagens de retórica, para vazios discursos oficiais.

Tentemos pois um retrato contraditório, um Oliveira “não maquilhado” pelos seus admiradores ou inimigos, devotos companheiros de trabalho ou rivais despeitados.

Desde o *Amor de Perdição*, e para alguns de nós, de cá e de lá fora, ele foi, simplesmente, o maior realizador vivo. Graças a ele, Portugal estava pela primeira vez na fronteira da arte moderna; a vanguarda do cinema mundial fazia-se aqui em Lisboa, não vinha enlatada de Paris, N. Iorque ou Tóquio. Era uma sensação vertiginosa, um álcool a subir às nossas cabeças.

Para outros, Oliveira era “o Velho”, irascível, imperioso, desconfiado, um *play-boy* envelhecido, um patético pinga-amor, um egoísta disposto a sacrificar tudo e todos aos seus projetos megalómanos.

Para os devotos foi um homem imprevisível, de uma invenção desmedida, um ser brejeiro, irónico, malicioso, sensual, o mais zombeteiro dos homens atrevidos. Para os outros foi um interminável sensaborão, um pretensioso pseudo-místico, uma vergonha nacional, um símbolo do nosso provincianismo.

O SAPATO – OBRA DE ARTE

E que dizer do *Sapato*? Pelo menos numa coisa devíamos estar todos de acordo: graças ao *Soulier* criou-se à volta da Tobis uma deslumbrante escola lisboeta de cinema artesanal: luzes, décors, telões pintados, “efeitos especiais”, todo um mundo mágico e visionário digno de Méliès e do Teatro Kabuki nasce plano a plano, para encantamento dos sonhadores e das crianças. Um turbilhão de imagens nunca vistas, impossível de criar nos estúdios mais industrializados dos grandes países, onde um “savoir faire” académico destrói no ovo os voos da imaginação. O *Sapato* e a enorme equipa técnica que o tornou possível abrem para o cinema português perspectivas imensas. São técnicos admiráveis, para os quais não há impossíveis, um verdadeiro tesouro nacional.

Outra virtude deste filme é de ordem mais terra-a-terra: um mapa de trabalho e um plano orçamental cumpridos dia-a-dia, e durante seis meses, é uma coisa rara em qualquer país. Que dizer quando esta boa gestão se aplica a um programa em que tudo era novidade e risco, e com uma verba global apertadíssima? E que dizer de um produtor que consegue trazer lá de fora à volta de 150 mil contos, dos quais quase cem mil em vendas antecipadas? São quantias nunca vistas nem sonhadas entre nós.

Do *Soulier* - obra de arte, teremos o resto das nossas vidas para o ver e meditar. Por agora só diria uma coisa: neste final de século em que os valores tecnológicos made-in-USA ameaçam calar todas as outras tradições do globo, é com a mais viva emoção que se ouve este tratamento derradeiro de um mundo latino e ibérico, quando o Mediterrâneo era o centro da

Terra, e a tradição católica deixava passar ainda os ecos da antiguidade clássica. Teatro do Mundo, divino e pagão, humano e sobre-humano, cena cósmica criada por esses dinossauros de épocas passadas - Claudel e Oliveira - vozes cada vez mais apagadas pela opressão dos novos tempos, vozes proféticas de uma modernidade radical.

Paulo Rocha

(in *Semanário*, 21 de setembro de 1985, p. 45)

PRÓXIMAS SESSÕES

6 OUT | DOM | 17:00 O MOVIMENTO DAS COISAS

Manuela Serra | 1985 | 90'

12 OUT | SÁB | 17:00 MON CAS | O MEU CASO

Manoel de Oliveira | 1986 | 88'

www.serralves.pt

 /fundacao_serralves

 /fundacaoserralves

 /fundacaoserralves

 /serralves

Fundação de Serralves

Rua D. João de Castro, 210
4150-417 Porto – Portugal

serralves@serralves.pt

Linhas gerais:
(+351) 808 200 543
(+351) 226 156 500

Chamadas para a rede
fixa nacional.



Apoio institucional

